

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
CURSO BACHARELADO EM PEDAGOGIA**

PATRÍCIA MARIA TIAGO

**RESENHA CRÍTICA DO LIVRO: INCLUSÃO E
EDUCAÇÃO – DOZE OLHARES SOBRE A
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**PATOS DE MINAS
2018**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
CURSO BACHARELADO EM PEDAGOGIA**

PATRÍCIA MARIA TIAGO

**RESENHA CRÍTICA DO LIVRO: INCLUSÃO E
EDUCAÇÃO – DOZE OLHARES SOBRE A
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, podendo gozar dos direitos de Pedagoga.

Orientadora: Dra. Danielle Ribeiro Ganda

**PATOS DE MINAS
2018**

DEDICO ESTE TRABALHO À MINHA FAMÍLIA, POR SUA CAPACIDADE DE ACREDITAR E INVESTIR EM MIM. MINHA MÃE MARIA CLEUZA, SEU CUIDADO E DEDICAÇÃO FOI QUE DERAM EM ALGUNS MOMENTOS, A ESPERANÇA PARA SEGUIR. MINHA FILHA MAYSA CAROLINE, SUA PRESENÇA SIGNIFICOU SEGURANÇA E CERTEZA DE QUE NÃO ESTOU SOZINHA NESSA CAMINHADA.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, que em sua infinita sabedoria colocou força em meu coração para vencer essa etapa de minha vida. A fé no Senhor, sem dúvidas, me ajudou a lutar até o fim.

Aos meus pais, José Adão e Maria Cleuza, pelo apoio, força e amor incondicional. Sem vocês a realização desse sonho não seria possível.

À Maysa Caroline, filha querida, obrigada. Suas palavras de incentivo, otimismo e orgulho não me deixaram desistir da faculdade, e muito menos deste trabalho de conclusão.

Aos meus amigos: Adriano Alves, Kênia Alves e Maraísa Maria, que não me deixaram ser vencida pelo cansaço.

A todos os professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica, especialmente a Dra. Danielle Ribeiro, responsável pela orientação do meu trabalho. Obrigada por esclarecer tantas dúvidas e ser tão atenciosa e paciente.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

INCLUSÃO E EDUCAÇÃO – DOZE OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

RODRIGUES, David (Org.). *Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006.

Por Patrícia Maria Tiago*

1. CREDENCIAIS DE AUTORIA

Professor da Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Departamento de Educação Especial e Reabilitação. Coordena o Mestrado em Educação Especial e o Curso de Terapias Expressivas. É pesquisador nas áreas da Educação Inclusiva, Educação Especial e Psicomotricidade. Leciona em várias universidades portuguesas (Lisboa, Coimbra, Porto e Açores), é professor convidado na Universidade Católica de Lovaina e conferencista na Espanha, na França e na Itália. Trabalha em projetos europeus na Ucrânia, na Lituânia e na Rússia. Visita regularmente universidades brasileiras, especialmente a Unicamp e a Udesc. Trabalha para a Unesco em projetos de educação inclusiva e é coordenador do Fórum de Estudos de Educação Inclusiva (www.fmh.utl.pt/feei). É membro do conselho editorial de várias revistas portuguesas e de seis internacionais. É autor e organizador de diversos livros, entre eles *Aprender juntos para aprender melhor* (Feei, 2007), *O corpo que (des)conhecemos* (Edições FMH), *Investigação em educação inclusiva – vol. 1 e 2* (Edições FMH). No Brasil, publicou: *Atividade motora adaptada: a alegria do corpo* (Artes Médicas, 2006), *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva* (Summus, 2006), *Os valores e as atividades corporais* (Summus, 2008), *Os lugares da exclusão social* (Cortez, 2004), com Stephen Stoer e Antônio Magalhães, e *Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais* (UFSM, 2005), com Ruy Krebs e Soraia Freitas. Pertence à rede de peritos europeus em deficiência (Aned) da Comissão Europeia e foi

* Concluinte do Curso de Graduação em Pedagogia da pela Faculdade Patos de Minas (FPM).
patriciamariatiago@hotmail.com

embaixador paralímpico da seleção portuguesa do projeto Pequim 2008. Recebeu em 2007 o prêmio de pesquisa “União Latina”.

2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

O livro *“Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva”*, tendo como organizador David Rodrigues traz muitas reflexões a respeito da educação inclusiva, sendo no momento um assunto bastante questionado e objeto de polêmica no contexto atual. Os doze olhares são relatos de doze textos sendo dentre esses, seis autores de Portugal e seis autores do Brasil. A obra foi organizada por Rodrigues em 2006, com a intenção de buscar opiniões, questionamentos de ideias e mudanças de pensamentos a partir de diversos olhares.

David Rodrigues, na sua apresentação, faz uma exposição sobre a forma que a exclusão tornou-se uma *“epidemia social”*, destacando as causas que afastam as pessoas da sociedade e que as levam ao sentimento de discriminação, sendo três essas causas. A primeira se dá ao fato da sociedade reivindicar por uma vida com condições mais dignas; a segunda está relacionada a culturas competitivas implicando os valores da sociedade por selecionar uns e excluir outros; e a terceira é devida as diferenças ligadas a fatores culturais, por conduzir a ideia de pensar que as pessoas são diferentes, e é preciso ter cuidado com essa identificação.

O primeiro tema do livro *“A inclusão que é nossa e a diferença que é do outro”*, escrito por Carlos Skliar, pesquisador da área de Educação da Faculdade Latino-americana na Argentina, faz menção a um turbilhão de mudanças educacionais das últimas décadas elaboradas sob argumentos com a possibilidade de serem questionados e com isso, propor outros novos viabilizando alguma mudança. Para o autor, não há um modo de compreender a educação especial e seus paradigmas, pois, se pode afirmar que a mesma não existe, mas a inventaram, de uma forma desordenada e com vagos conceitos do normal. É que, às vezes, os especialistas simplificam os problemas pelo fato de estarem acostumados com os paradigmas terapêuticos e clínicos. O autor fez uma busca observando alguns filósofos para distinguir o que os mesmos acreditavam ou definiam a diferença e

descobriu que cada um trás consigo uma definição. Deste modo, não há um princípio de identidade entre o sujeito e o objeto, nem no sujeito nem no objeto.

Quando a diferença é subordinada pelo sujeito pensante à identidade do conceito [...], o que desaparece é a diferença no pensamento, a diferença de pensar com o pensamento, a origem do pensar, a profunda rachadura do Eu que só o leva a pensar pensando sua própria paixão e mesmo sua própria morte na forma pura e vazia do tempo. Restaurar a diferença no pensamento é desfazer este primeiro nó que consiste em representar a diferença sob a identidade do conceito e do sujeito pensante. (DELEUZE, 1988, p. 420-421)

Por esta razão compete perguntar então, o que é feito na escola é a discussão da questão do outro ou afligi-se somente na obsessão pelo outro. Os processos de exclusão e inclusão são muitos parecidos entre si, sendo a inclusão um mecanismo de controle que não é o oposto da exclusão. E na educação devemos compreender como as diferenças nos estabelecem como humanos e como somos feitos de diferenças. Para finalizar o texto, o autor imagina os professores conversando entre si, fazendo assim uma formação orientada, na qual seja possível conceder aos professores seguimentos e percepções, pois, não podemos entender a inclusão como uma preocupação por hospedar ao outro ou de impor-lhe, mas que seja a metamorfose e não um processo final.

O segundo tema escrito pela professora da Universidade Federal de São Carlos – SP, Fátima Denari, com o texto *“Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial: da segregação à inclusão”*, cujo objetivo é a discussão da formação do professor, considerando a história da profissão. As ações formativas são de grande importância para favorecer a formação de docentes mais preparados para formar cidadãos mais conscientes. Porém, é necessário considerar que há um tempo atrás o termo educação especial era utilizado para designar um tipo de educação diferente que caminha paralelo a educação comum, no qual o aluno diagnosticado era encaminhado a centros de ensino especial. Nos dias de hoje, a EE já é parte da educação básica e a escola tem por obrigação se organizar, permitindo ao educando a aprendizagem específica, e o sistema escolar tem que se adequar as necessidades daquele aluno, para que o mesmo seja atendido no que realmente ele necessita. Com a universalização do acesso à escola, o professor tem como desafio disseminar conhecimentos para a construção de uma melhor qualidade de vida, sendo seu papel o de agente transformador da educação, no sentido proposto por Nóvoa (1997, p. 109):

Educar significa instituir a integração dos educandos como agentes em seu lugar designado num conjunto social, do qual nem eles, nem seus educadores, têm o controle. Significa assegurar ao mesmo tempo a promoção desses mesmos educandos e, portanto, de seus educadores, em atores de sua própria história individual e da história coletiva em curso.

O professor, ao desempenhar seu papel, pode promover a inclusão do aluno diferente como ele pode promover a sua exclusão. Por fim, ela finaliza dizendo que a resolução das desigualdades e das diferenças ocorre ao mesmo tempo à aceleração dos profissionais e do aumento das competências didáticas e pedagógicas.

O terceiro tema *“Inclusão social e a escola reclamada”*, é de António M. Magalhães e Stephen R. Stoer, professores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal. Para eles, a inclusão social é papel da escola, e a mesma não surgiu como projeto central de inclusão como afirmam alguns sociólogos. Esta inclusão era vista como forma de compensar as diferenças culturais, no contexto dos dias de hoje, onde deixou de ser objeto político para serem pessoas consideradas com voz, mas uma voz reclamada. Os autores mostram que a educação deixa de ser privilégio e surge mais como sujeitos obrigados a estudar. Em outro momento, traz a compreensão dos conhecimentos construídos em forma de competências, e este conhecimento traduzido em competências faz com que o sistema educativo procure atualizar a estrutura curricular, para que possa atender as novas exigências do mercado de trabalho, baseando - se cada vez mais no conhecimento e na informação. Finalizando o texto, discutem sobre as transformações da escola e as formas emergentes de cidadania, surgindo dilemas sutis a todos os envolvidos, principalmente, para aqueles que veem na educação escolar uma forma de mecanismo emancipatório, ou seja, veem no sistema educativo instrumentos para a libertação e a autonomia dos indivíduos e dos grupos.

O tema *“Educação especial, inclusão e política educacional, notas brasileiras”*, de Júlio Romero Ferreira, Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep/SP. No texto revela um olhar de caráter retrospectivo e problematizador para a educação inclusiva a partir da década de 1970. As reformas situam – se em 1980, com a abertura democrática, promovendo a criação dos ciclos, criando melhores condições para reduzir o fluxo de alunos das classes comuns para as classes especiais. A Constituição Federal de 1988 teve um momento significativo, no

qual os grupos excluídos obtiveram força, visibilidade e proteção, entre eles o das pessoas com deficiência, onde os mesmos se organizavam e participavam dos debates. Os principais documentos foram mostrados pelo autor através de quadros e tabelas, referenciando o número de matrículas e o acesso de alunos com deficiência na rede estadual e municipal no período de 1998 a 2003, identificando também a faixa etária e o tipo de deficiência. A apresentação dos dados foi muito interessante e permitiu construir uma discussão quanto as políticas públicas para a área. A educação inclusiva nessa proposta adquire maior relevância por enfatizar as possibilidades de formação para todos e por dificultar que a escola pública transfira sua responsabilidade para outros, ela não se torna inclusiva só porque amplia o acesso ou porque matricula alunos com deficiência, ela tem que se tornar o espaço ideal para possibilitar a apropriação do saber por todos os cidadãos.

O texto *“O arco-íris e o fio da navalha: Problemas da educação em face das diferenças um olhar crítico uma proposta de análise”*, escrito por Luiza Cortesão-pesquisadora e professora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, usando duas metáforas ela começa sua apresentação, o arco-íris para simbolizar a situação de intranquilidade e preocupação e ao mesmo tempo esperança, e o fio da navalha onde cada iniciativa e cada passo dado pode se tornar um risco, pois tanto pode ajudar a progredir, como também pode fazer tombar para um ou outro lado. Diante disso, professores lidam e enfrentam dificuldades em um cotidiano freqüente e com alunos diferentes. A diversidade, segundo a autora é um conjunto de posições teóricas no contexto da educação, recorrendo a um eixo de análise constituído com base na articulação e outro numa situação que valoriza o subjetivo. Em síntese, esta preocupação com a mudança e as propostas que defendem, optam por constituir espaços, mantendo-se entre a pedagogia e o seu desempenho.

Já no texto *“Participação social e cidadania ativa das crianças”*, dos autores Manuel Jacinto Sarmiento, Natália Fernandes e Catarina Tomás – Professores do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, traz um estudo muito interessante, onde retrata durante décadas a representação da infância, a instituição familiar, educativa e jurídica tinha o próprio discurso sobre a infância. Mesmo tendo positivas transformações, relatórios apontam as situações das crianças que se afirmam como sujeitos, capazes de desempenhar como alunos, implicando respeito e a igualdade participativa, onde se centra a educação inclusiva.

O texto *“A formação de professores na educação inclusiva construindo a base de todo o processo”*, da autora Soraia Napoleão Freitas - Professora da Universidade Federal de Santa Maria (RS), nos mostra uma análise da abordagem e do processo de inclusão, sendo considerada novidade no século XVII, e incorporada na política pública no século XX, onde se tornou obrigatória. No Brasil hoje, os professores não se dispõem de uma formação para contribuir com seus alunos no seu desenvolvimento como pessoa e que tornem cidadãos ativos na sociedade. A autora coloca que na formação do professor seja em qualquer área, sejam incluídos programas e conteúdos que desenvolvam a competência do profissional para atuar em qualquer situação. É importante considerar as questões sociais da escola, mostrando a importância do trabalho, a diversidade e a união dos alunos. Vygotsky fala que o conhecimento humano se dá acreditando na transformação do indivíduo por meio das relações inter e intrapessoais, usando a interação para formar espaços privilegiados processando o conhecimento. O professor tem que buscar refazer sua prática sempre com muita reflexão e ação, isto é, sempre ocorrerão em situações específicas, já que os alunos são todos diferentes uns dos outros.

O texto assinado por Maria Teresa Eglér Mantoan, Pedagoga, doutora em Educação e coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade (Leped) da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (SP), com o título *“O direito de ser sendo diferente na escola”*, retrata o olhar da escola e sua organização, sendo: modalidades de ensino, disciplinas divididas por currículos, seriações, verdades prontas e inalteráveis. Com isso, há um impacto e muitas barreiras na pretensão da inovação da escola para a implantação da inclusão, em que temos que reconhecer as diferenças, a pluralidade das manifestações intelectuais, sociais e afetivas, ou seja, precisamos construir uma nova ética escolar, de consciência individual, social e até planetária. No decorrer do texto, a autora fala sobre os processos de integração dos movimentos em favor da criança com deficiência e as oportunidades de transitar no sistema escolar da classe regular e ainda cita os avanços da legislação. Para concluir, ela fala que é preciso vencer todos os desafios que nos é imposto pelo conservadorismo.

O texto da autora Windyz B. Ferreira, coordenadora do projeto de formação docente Educar na Diversidade, do Ministério da Educação do Brasil, intitulado de *“Inclusão x exclusão no Brasil: reflexões sobre a formação docente dez anos após Salamanca”*, traz uma discussão a respeito da formação docente, que para ela tem

novo olhar, pois, se observa que nos últimos quinze anos cresceu muito a preocupação da formação do docente, onde no Campo da Educação tornou-se uma prática aceita e promovida, sendo que os cursos podem ser realizados em instituições de ensino superior e podem ter 360 horas ou mais de carga horária. A autora dirige seu olhar para o conceito de formação de professores, ela acredita que a expressão não é apropriada para ações de profissionais de experiência. Ela propõe que temos que levar em conta é o perfil e o saber que cada professor possui e abordar as possíveis características de um novo perfil de professores para a inclusão.

Dez anos de Salamanca, Portugal e os alunos com necessidades educativas especiais, do autor Luís de Miranda Correia, professor do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, inicia seu texto citando dezenas de chavões usados na educação, chamando a atenção ao popularíssimo todos temos necessidades educativas especiais e suas variantes, todos somos especiais, celebremos a diferença, celebremos a diversidade, inclusão é para todos, a educação especial já lá vai, e por aí vai, termos usados sem qualquer decência, a torto e a direita. O autor faz a defesa da inclusão progressiva e trás propostas de modelos diferentes entre integração e inclusão, e ainda fala do modelo para atender diversidade. O autor conclui dizendo que é preciso, que todos nós percebamos melhor as complexidades da vida escolar na sala de aula, especialmente quando elas afetam o dia-a-dia dos alunos com Necessidades Educativas Especiais.

O texto *“Incluir sim, mas onde? Para uma reconceitualização sociocomunitária da escola pública”*, do professor João Barroso, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal objetiva a retomada a defesa da escola pública e seus valores, sendo a inclusão ligada a ela. Temos que reconhecer a importância da mesma em promover a inclusão, e enfatizando as políticas públicas, o papel do Estado, dos professores, dos pais e até da sociedade nesse processo. Na sequência ele fala da necessidade de se organizar a escola onde a mesma torne um espaço público e autônomo.

Para finalizar David Rodrigues, professor da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, e coordenador do Fórum de Estudos de Educação Inclusiva, encerra com o texto *“Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva”*, onde relata sobre a contradição da lei e a prática do discurso da inclusão. E analisando ideias elaboradas e espalhadas entre a comunidade escolar e os professores, pode - se

organizá-las em cinco grupos conforme sua temática: os valores, a formação dos professores, os recursos, o currículo e a boa gestão da sala de aula. Concluindo, o autor cita que falar de inovação na educação é um assunto bem complexo, mas que devemos promover desde já a justiça e os direitos para todos os estudantes.

3 APRECIÇÃO DA OBRA

O organizador diferencia duas importantes dimensões: uma que é a inclusão essencial e a outra inclusão eletiva. Na inclusão essencial assegura a todos os cidadãos o acesso e a participação sem discriminação a todos os seus níveis e serviços. Na eletiva, independente de qualquer coisa a pessoa tem o direito de recusar a interação que lhe foi oferecida, relacionando com grupos que bem entende em função de seus interesses. Embora os modelos de educação inclusiva sejam vistos por distintas realidades, os autores trazem reflexões de extrema importância na escola.

Diante da leitura deste livro, pode-se perceber como a educação inclusiva tem conceitos tão diversificados, proporcionando uma leitura com dimensão desafiadora e complexa. Os autores indicam os possíveis caminhos para aqueles profissionais que estão lutando para promover essa educação, mostrando que só terá sentido à leitura desta obra se os profissionais buscarem confrontar a leitura com a realidade que vive, para depois fazer novos questionamentos.

4 INDICAÇÃO DA OBRA

É imprescindível a leitura desse livro, para educadores em processo de formação ou que já atuam na área da educação como Pedagogos, Licenciados, Profissionais apoio e Psicopedagogos. Assim como se indica a leitura para demais profissionais que atuam em outras áreas relativas à educação inclusiva, com o intuito de buscar uma inclusão que de fato atenda às necessidades desses alunos.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Nome completo: Patrícia Maria Tiago

Endereço: Rua: Araxá, nº 79 – aptº 02 Centro – Lagamar MG

Telefone de contato: (34) 9- 9192-6068

E-mail: patriciamariatiago@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo: Prof. Danielle Ribeiro Ganda

Endereço: Av. Juscelino Kubitscheck de Oliveira, 1220, Cristo Redentor, Patos de Minas/MG – Faculdade Patos de Minas/Departamento de Psicologia

Telefone de contato: (34) 3818 - 2300

E-mail: danielleganda@hotmail.com